

# O câncer como fenômeno social

**Nilo E. Gardin**

Médico antroposófico e homeopata

Endereço para correspondência: nilogardin@superig.com.br

**Resumo:** Na tentativa de compreender o atual contexto em que o câncer se insere, o autor faz um apanhado de três diferentes movimentos que se seguiram à Idade Média – o Renascimento, o Romantismo e a Revolução Industrial – e como estes contribuíram para a emancipação do pensamento, sentimento e vontade, respectivamente. As doenças típicas para cada uma dessas fases são abordadas: sífilis, tuberculose e câncer, com a visão antroposófica do ‘terreno’ adequado para sua instalação no organismo humano.

**Palavras-chave:** Renascimento, Romantismo, Revolução Industrial, sífilis, tuberculose, câncer.

## Introdução

Câncer é uma designação genérica para um grande grupo de doenças com comportamento clínico e epidemiológico por vezes bastante distinto entre seus tipos. A característica comum e marcante no câncer, conforme a definição a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2008), é a criação rápida de células anormais que crescem além de seus limites habituais, e que podem invadir órgãos adjacentes ou à distância (metástases). As metástases são a principal causa de morte por câncer.

O câncer se situa entre as doenças de maior morbimortalidade de nossa época. É a terceira causa de morte no mundo (13% das mortes em 2007), atrás apenas de doenças cardiovasculares e infecções/parasitoses (OMS, 2008).

Mas esses são dados de nossa época. Há alguns séculos esse cenário era totalmente distinto.

## O Renascimento, a emancipação do pensamento e a sífilis

Ralph Twentyman (1989), médico antroposófico e homeopata, relata três fases distintas da humanidade após a Idade Média, em que importantes mudanças sociais ocorreram.

A Idade Média (476-1453), também chamada por alguns por ‘idade das trevas’, foi marcada na Europa

pelo predomínio dos conceitos e dogmas religiosos católicos em detrimento da busca livre pelo conhecimento. Ainda que descentralizado, o contexto político também exercia no ser humano uma influência de cerceamento baseado no medo das invasões bárbaras e na proteção dos feudos.

Com o movimento do Renascimento que se seguiu à Idade Média, iniciou-se um novo desenvolvimento da humanidade, com profundas mudanças na vida humana e na visão do mundo. São características dessa fase o florescimento humanístico, as artes figurativas e o impulso dirigido a uma retomada do patrimônio científico grego. Eugenio Garin (1994) define bem as mudanças dessa época:

Entre o século XIV e o XVI houve uma mudança de equilíbrio; os ‘humanistas’, e com eles os artistas, os artesãos, os homens de ação, substituíram as trilhas já sem perspectiva da especulação medieval por novas exigências, novos impulsos, novos fermentos; diante das perguntas que até aquele momento haviam permanecido sem resposta, abriram-se novas e imprevisíveis possibilidades. De uma forma inteiramente inédita e desconcertante, novas ideias e novas hipóteses floresceram: desaparecia assim uma forma de entender a realidade, enquanto surgiam posições completamente originais. Magia e ciência, poesia e filosofia misturavam-se e auxiliavam-se, numa sociedade atravessada por inquietações religiosas e por exigências práticas de todo gênero.

Martim Lutero (1483-1546) desafiou a Igreja Católica ao publicar 95 teses para reformá-la, sendo excomungado. Além disso, traduziu a Bíblia para o alemão, tornando-a acessível a quem não lia em latim. Paracelso (1493-1541) ousava dar aulas em alemão na Basileia, ensinando uma medicina que se opunha à linha de Galeno e Avicena (Perlatto, 2007).

Em meio a essas tentativas de reformas, descoberta e exploração de novos continentes, profundas mudanças políticas e sociais, René Descartes (1596-1650) deu a expressão máxima da época: “Eu penso, logo existo”.

Twentyman diz que com essa emancipação do pensamento, este se tornou tão abstrato e meramente intelectual que se destituiu de uma orientação espiritual – obviamente não no sentido religioso da palavra, mas no sentido individual mais profundo. Essa perda de significado gerou o “pensar pelo pensar”.

Até a Idade Média, as epidemias ocorriam por doenças infecciosas de caráter agudo como a febre tifoide, a varíola e a peste bubônica (ou peste negra) que ou matavam em alguns dias ou se curavam. Caracteristicamente elas têm o padrão de doenças que hoje chamamos de infantis.

De modo interessante, pela primeira vez a humanidade assistiu a uma epidemia de doença não aguda<sup>1</sup>. A partir do século XV, a Europa viveu a explosão de casos de sífilis, doença sexualmente transmissível causada pelo *Treponema pallidum*, que em sua fase terciária afeta o sistema nervoso central, sede do pensamento.

## O Romantismo, a emancipação do sentimento e a tuberculose

Nos anos seguintes, do final do século XVIII até o século XIX, ocorreu o movimento do Romantismo, que representou a libertação da expressão artística em relação aos temas religiosos e às proibições do estado.

O Romantismo se caracterizou pelo escapismo, pelo desejo de fuga da realidade para um mundo idealizado pela imaginação. O sentimentalismo exacerbado, a idealização da mulher, da pátria e do índio, tão presentes na literatura e nas artes românticas, revelam essa tendência.

Nesse movimento, ganhou força o conceito de que a arte deveria ter como propósito único o prazer estético (Barbudo, 2011). A “arte pela arte”, a estética alheia à moral, poderiam também ser chamadas

de “sentir pelo sentir”, novamente aqui desprovido de um sentido espiritual.

Sabemos que o pulmão é o órgão pelo qual o ser humano se liga à Terra (por isso chamado na medicina antroposófica de ‘órgão terra’), que nos prende à realidade, à vida prática. A predisposição para a tuberculose, do ponto de vista antroposófico, ocorre quando processos metabólicos mal dominados ‘sobem’ para o pulmão, onde deveria predominar a dinâmica do sistema neurossensorial. O processo oposto, ou seja, o excesso de neurossensorial sem a adequada intermediação da organização vital, forma o terreno para a asma (Husemann & Wolff, 1984).

As características do Romantismo com seu pensamento fantasioso, somadas a uma boa dose de melancolia, abrem o terreno para o *Mycobacterium tuberculosis*, bacilo causador da tuberculose, que afeta preferencialmente os pulmões e que tem sido um grande problema de saúde pública mais marcadamente a partir do século XIX.

Castro Alves (1847-1871) foi o grande poeta do Romantismo brasileiro. Obviamente era tuberculoso. No poema *Mocidade e Morte* (inicialmente chamado *O Tísico*), percebe-se sua natureza nada ‘terrena’, tão bem evidenciada pelo nome do livro, *Espumas flutuantes* (Alves, 1998):

Oh! Eu quero viver, beber perfumes  
Na flor silvestre, que embalsama os ares;  
Ver minh’alma adejar pelo infinito,  
Qual branca vela n’amplidão dos mares.  
No seio da mulher há tanto aroma...  
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...  
– Árabe errante, vou dormir à tarde  
À sombra fresca da palmeira erguida.

Nos últimos dois séculos, a doença cardiovascular – essa caracterizada pela invasão neurossensorial ao coração e seus vasos (que junto com os pulmões compõe a sede do sistema rítmico) – passou a predominar como principal causa de mortalidade.

## A Revolução Industrial, a emancipação da vontade e o câncer

A partir da Inglaterra do século XVIII, novas mudanças nos meios de produção espalharam-se pelo mundo no século XIX e XX. A invenção do motor a vapor e em seguida várias outras tecnologias, impulsionadas por outra ‘máquina’, o liberalismo

<sup>1</sup>É fato que a hanseníase – outra doença que se cronifica – precedeu a sífilis, porém com um caráter muito mais endêmico que epidêmico.

econômico, permitiram ao homem fazer tudo (ou quase tudo) o que ele queria. Com a Revolução Industrial, a vontade se emancipou de qualquer controle e hoje vivemos essa época. Antes da Revolução Industrial, o ritmo de trabalho tinha como norteador o sol. A unidade de trabalho era o dia – do nascer ao pôr-do-sol, pois a economia era fundamentalmente agrária. Essa ligação maior com a natureza isentava o ser humano da pressa e da exatidão. A partir de quando o meio de produção passou a ser a máquina, controlada pela vontade humana destituída de princípios espirituais, apareceram os excessos e a exploração sem escrúpulos das pessoas nas fábricas (Myles, 1850):

Na verdade não havia horas regulares: patrões e administradores faziam conosco o que queriam. Normalmente os relógios das fábricas eram adiantados pela manhã e atrasados à tarde, e em lugar de serem instrumentos de medida do tempo, eram utilizados para o engano e a opressão.

Desde então, a relação com o trabalho é vivida de modo arritmico, sem o equilíbrio solar. Atualmente a dedicação excessiva ao trabalho é a regra, e isso agora não parte somente do mundo externo, do patrão opressor ou do sistema de produção sem limites, mas está dentro do ser humano, é uma ‘doença’ de época.

O progresso tecnológico trouxe ao ser humano não só a possibilidade de maior qualidade de vida, mas de conhecer e compreender o universo ao seu redor. Porém, quando destituída de ideais mais profundos, a vontade emancipada transforma-se em “fazer pelo fazer”.

No mundo todo, as mais frequentes topografias de câncer são órgãos metabólicos e reprodutivos. É justamente no sistema metabólico-locomotor onde se originam as forças volitivas. Mesmo quando afeta primariamente o pulmão, o câncer se origina nos brônquios, que se formam a partir do tubo digestório durante o desenvolvimento embrionológico.

O que se reconhece oficialmente como fatores causais do câncer são: estilo de vida não saudável (tabaco, álcool, dieta inadequada, sedentarismo), exposição ocupacional (por exemplo, asbestos) ou carcinógenos ambientais (por exemplo, poluição), radiação (ultravioleta, ionizante), e algumas infecções (hepatite B, infecção por vírus do papiloma humano - HPV). À exceção dessas últimas, todas as outras causas estão ligadas de uma forma ou de outra ao processo de industrialização.

## O desenvolvimento individual e coletivo

Essa sequência de mudanças, na cronologia em que ocorreram, repete o desenvolvimento individual do ser humano: entre 0 e 7 anos o sistema neurossensorial se apronta para pensar, entre 7 e 14 anos o sistema rítmico se desenvolve dando possibilidade à emancipação emocional, e finalmente entre 14 e 21 anos o desenvolvimento metabólico, sexual e das extremidades está completo permitindo ao ser humano o controle sobre sua vontade. O amadurecimento das três funções básicas da alma – o pensamento, o sentimento e a vontade – também ocorreu em nossa sociedade, desde a Idade Média até os dias de hoje.

Booth (1964) aplicou testes de Rorschach a pacientes com tuberculose e câncer e concluiu que seus valores socioculturais correspondiam a essas épocas citadas, ou seja, pacientes com tuberculose mostravam traços de personalidade correspondentes às pessoas do início do século XIX, e pacientes com câncer tinham tipicamente os valores de nossa época atual.

É importante nos atermos a esses aspectos quando observamos a biografia de um paciente com câncer. Obviamente que quando lidamos com constituição (orgânica e anímica) típica de uma determinada doença, temos que levar em conta que muitas são as nuances e exceções. Aqui nos referimos às tendências do paciente adulto com câncer adquirido ao longo da vida. O estudo de crianças com câncer e das doenças neoplásicas de caráter hereditário deve ser feito à parte.

É muito frequente encontrar na biografia da pessoa com câncer uma dedicação excessiva ao trabalho, e no cerne dessa dedicação encontra-se o “fazer pelo fazer”. Isso se evidencia com uma simples pergunta ao paciente: por que você trabalha (ou trabalhava) tanto? Em minha experiência ao longo de anos atendendo pacientes oncológicos, a resposta mais frequente tem sido simplesmente “não sei”.

Por via de regra, isso difere do paciente que tem um infarto agudo do miocárdio, com seu ritmo estressante de vida. Esse paciente, em geral, consegue ter mais consciência do motivo de sua dedicação excessiva ao trabalho em detrimento à vida sentimental, social e à atividade física.

Então, se almejamos um tratamento mais completo e profundo para o câncer, não podemos desprezar esses aspectos da personalidade, pois verdadeiramente estaremos diante do desafio maior dessa pessoa e de nossa época: dotar a vida volitiva de sentido.

## Referências bibliográficas

- Alves C. *Espumas flutuantes*. 3ª edição. Cotia: Ateliê Editorial. 1998. p. 89.
- Barbudo MI. *Arte pela arte (Ars gratia artis)*. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em <<http://www.edtl.com.pt>> Acesso em 01/06/2011.
- Booth G. *Cancer and humanism. Psychosomatic aspects of neoplastic disease*. Londres: Pitman Medical, 1964.
- Garin E. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo: Editora Unesp, 1994. p. 11.
- Husemann F, Wolff O. *A imagem do homem como base da arte médica*. Vol. II. São Paulo: Associação Beneficente Tobias e Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 1984. p. 611.
- Myles J. *Chapters in the life of a Dundee factory boy : an autobiography*. Microfilm. Woodbridge, Conn.: Research Publications, 1850. 96 p.
- OMS. *Organização Mundial da Saúde. Cause-specific mortality, 2008*. Disponível em <[www.who.org](http://www.who.org)> Acesso em 30/05/2011.
- Perlatto R. Paracelso. *Arte Médica Ampliada*, 27(3 e 4): 10-8, 2007.
- Twentyman R. *Homeopatia a ciência e a cura*. São Paulo: Best Seller, 1989. 475 p.